



Matrizes

ISSN: 1982-2073

matrizes@usp.br

Universidade de São Paulo

Brasil

Lee Harington, C.; Bielby, Denise D.
Uma perspectiva sobre fãs ao longo da trajetória de vida
Matrizes, vol. 10, núm. 1, enero-abril, 2016, pp. 27-53
Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143045335003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Uma perspectiva sobre fãs ao longo da trajetória de vida*

A life course perspective on fandom

■ C. LEE HARRINGTON * *

Miami University, Miami-FL, EUA

DENISE D. BIELBY * * *

University of California – Santa Barbara-CA, EUA

RESUMO

Neste artigo, abordamos os fãs sob a perspectiva da trajetória de vida, particularmente com ênfase na situação de ser um fã e o desenvolvimento da fase adulta. Ao mesmo tempo em que há, de forma geral, um interesse crescente pelas questões relativas à idade e ao envelhecimento nos estudos sobre fãs, existe também uma tendência na literatura de discutir o envelhecimento e a trajetória de vida de forma não teórica, deixando de lado grande parte do conhecimento acadêmico em áreas que se dedicam a entender como a vida se desdobra ao longo do tempo. Nosso objetivo aqui é tornar *explícito* o que normalmente é deixado *implícito* nos estudos sobre fãs para enriquecer nossa compreensão sobre fãs de longa data e de idade avançada, e sugerir maneiras como os estudos sobre fãs em geral poderiam tratar da questão em relação ao tempo.

Palavras-chave: Estudos sobre fãs, fãs e suas práticas, trajetória de vida

ABSTRACT

In this article we explore a life course perspective on fandom, with particular emphasis on fandom and adult development. While there is growing interest in issues of age and aging within fan studies and within media studies more broadly, there is a tendency in this literature to discuss aging and the life course atheoretically, ignoring a rich body of scholarship in fields that examines how lives unfold over time. Our goal in this manuscript is to make *explicit* what is typically rendered *implicit* in fan studies to enrich our understanding of long-term and later-life fandom, and to suggest ways that fan studies might more fully account for fandom over time.

Keywords: Fan studies, fandom, life course

* Artigo originalmente publicado no *Journal of Cultural Studies*, v. 13, n. 5, 2010. Tradução: Hamilton Fernandes

** Professor de Sociologia e Estudos sobre a Mulher associado à Universidade de Miami (EUA). Áreas de pesquisa incluem estudos sobre televisão, fãs e sociologia do direito. Com Denise Bielby é coautor de *Soap Fans* [Fãs de telenovelas] (1995, Temple University Press) e *Global TV* [TV Global] (2008, NYU Press). É também coeditor com Bielby da *Popular Culture: Production and Consumption* [Produção e consumo] (2001, Blackwell). E-mail: harrincl@muohio.edu

*** Professora de Sociologia na Universidade da Califórnia, Santa Bárbara, e associada ao Departamento de Audiovisual e Estudos de Mídia, e ao Centro de Cinema, Televisão e Novas Mídias. Além de seu trabalho com Harrington, é autora de diversos artigos acadêmicos sobre as indústrias culturais de televisão e cinema, públicos e crítica popular e envelhecimento e a trajetória de vida. E-mail: bielbyd@soc.ucsb.edu

1. No original, *fandom*. O termo pode se referir tanto ao conjunto dos fãs quanto ao estado e atitude de ser um fã. Nossa tradução variou de acordo com o contexto. (N.T.)

2. Essas citações foram reunidas como parte de um projeto separado sobre espectadores e atores de novela de longa data. Para detalhes do projeto, ver Harrington e Brothers (2010, no prelo).

UM HOMEM DE 42 anos que assiste à *soap opera* norte-americana *The Young and the Restless* (CBS) desde que tinha oito anos de idade comenta: “A Genoa City [o cenário ficcional do programa] tem sido o ‘lar’ mais estável da minha vida adulta”. Uma mulher de 50 anos que assiste à *General Hospital* (ABC) desde a infância pondera: “O que aprendi sobre mim ao longo dos anos assistindo à *soap opera* é que minha percepção de quais personagens eu gostava e o porquê desse amor amadureceu e mudou junto com minha experiência de vida”. Um fã¹ da novela norte-americana *As the World Turns* (CBS) nos últimos 51 anos, assiste ao programa desde a adolescência e explica: “Eu não teria sido uma pessoa diferente sem as novelas, mas sou mais feliz por causa delas”². Neste artigo, abordamos os fãs sob a perspectiva da trajetória de vida, particularmente com ênfase no fã e no desenvolvimento da fase adulta. Ao mesmo tempo em que há, de forma geral, um interesse crescente pelas questões relativas à idade e ao envelhecimento nos estudos sobre fãs, existe também uma tendência na literatura de discutir o envelhecimento e a trajetória de vida de forma não teórica, deixando de lado grande parte do conhecimento acadêmico em gerontologia, sociologia, psicologia e desenvolvimento humano, estudos que se dedicam a entender como a vida se desdobra ao longo do tempo. Nosso objetivo aqui é tornar *explícito* o que normalmente é deixado *implícito* nos estudos sobre fãs através de perspectivas sobre a trajetória de vida para enriquecer nossa compreensão sobre fãs de longa data e de idade avançada, e sugerir maneiras como os estudos sobre fãs em geral poderiam tratar da questão em relação ao tempo. Dada a rapidez dos processos de envelhecimento global em curso, portanto mudando rapidamente a demografia das audiências de meios de comunicação em todo o mundo, é especialmente oportuno colocar lado a lado duas temáticas da literatura que raramente são relacionadas: estudos de fã e conhecimento acadêmico do ciclo vital.

Na seção a seguir, discutiremos a trajetória de vida e os meios de comunicação; na sequência, elaboramos uma seção sobre as lacunas conceituais da abordagem dos estudos de fãs em relação a questões de idade e envelhecimento. Na terceira parte, descortinamos uma variedade de questões relacionadas à trajetória de vida de fãs, mostrando como a atenção voltada para questões como idade, desenvolvimento humano e envelhecimento pode oferecer novas percepções sobre a identidade, as práticas e as capacidades interpretativas deles. Concluímos com uma discussão sobre a utilidade das perspectivas de trajetória de vida para um futuro conhecimento acadêmico sobre o assunto.

TRAJETÓRIA DE VIDA E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

De forma simplificada, apreender a trajetória de vida é “compreender vidas através do tempo” (Fry, 2003: 271). Os estudiosos sobre o curso da vida estão interessados em mudanças históricas e sociais que afetam uma geração específica em determinado momento no tempo, mudanças que chegam “a controlar a maneira pela qual membros de uma geração criam sentidos a partir de um passado lembrado na atualidade, um presente vivenciado e um futuro antecipado” (Cohler; Hostetler, 2003: 557). A partir dessa abordagem, com base nas ciências sociais, a maneira pela qual nossas vidas individuais se desenvolvem é moldada por processos internos psicológicos e sociais externos³. Estudos acadêmicos sobre a trajetória de vida são feitos em diversas áreas acadêmicas e criam múltiplas abordagens, em vez de uma única teoria integrada. Diversas perspectivas têm em comum o foco nas questões relativas a tempo e sincronia, interseções de contexto social e biografia pessoal, vidas interdependentes ou vinculadas, e a importância da atividade humana (George, 2003: 672).

Perspectivas mais contemporâneas conceituam a trajetória de vida por meio de padrões gerais de estabilidade e transição, sequências ou fases não evolutivas. Já que as trajetórias de vida nem sempre são caminhos previsíveis – “não há roteiro ou atalho a ser seguido a cada vez” (Fry, 2003: 286) –, o desafio para os estudiosos é “ser simultaneamente fiel a padrões de longo prazo de mudança e estabilidade, e à heterogeneidade desses padrões” (George, 2003: 675). Embora não planejadas, diferentes fases de vida tendem a ser marcadas por oportunidades únicas de desenvolvimento, e nosso compromisso com essas oportunidades ajuda a moldar nossa maturidade desde a infância, passando pela adolescência, idade adulta e idade avançada. Além disso, cada trajetória de vida individual é guiada por ideais culturais e históricos de como as vidas *deveriam* se desenvolver, que fornecem vias normativas com as quais avaliamos e damos significado a nossas trajetórias pessoais. Atualmente, esses ideais normativos passam por significativa transição nos Estados Unidos, como será discutido na conclusão, mas continuam a servir de referência para compreendermos nossas experiências vividas.

A mídia popular está totalmente envolvida nos processos de trajetória de vida e transições, oferecendo representações normativamente apropriadas, com base na idade, de identidades e atividades (e atraindo a atenção para as não normativas), produzindo as assim chamadas gerações “Facebook”, da “televisão” e do “computador”. Redefine, assim, as divisões geracionais, alterando radicalmente as expectativas de como as existências podem ou deveriam ser vividas publicamente, transformando vivências relativamente não mediadas nas primeiras eras históricas em vidas completamente mediadas nos dias atu-

3. Os psicólogos tendem a usar a terminologia “longevidade”, enquanto os sociólogos referem-se à “trajetória de vida”. “Longevidade” refere-se à extensão completa da vida do indivíduo (por exemplo, modelos de desenvolvimento humano). Trajetória de vida diz respeito à sequência de papéis estruturada segundo a idade, às oportunidades e experiências que um indivíduo adquire e perde, as quais são influenciadas por forças macroestruturais e pela intervenção humana.

ais. Textos midiáticos e tecnologias ajudam a unir as massas, definir gerações e diferenças intergeracionais, estruturar e dar significado às nossas vidas, conforme se desenrolam. Por exemplo, quando J.K. Rowling publicou o sétimo e último *Harry Potter* em julho de 2007, os críticos lamentaram não só o fim da série, mas o fim de uma fase da vida:

A tristeza que muitos leitores vão experimentar [...] não tem nada a ver com o destino dos personagens, mas tudo a ver com [...] o fim da infância. Os leitores que cresceram com essa série – que a leram, como planejada, em tempo real enquanto se desenrola – estão eles próprios nesse fim. Dizer adeus a Harry é como dizer adeus a uma parte de si mesmo. (Jones, 2007)

Da mesma forma, o 40º aniversário do Woodstock, em agosto de 2009, deu a oportunidade às pessoas de revisitar as interseções entre identidades geracionais e nacionais (a chamada “Nação Woodstock”). O cancelamento, em setembro de 2009, da *soap opera* norte-americana *Guiding Light* (CBS), depois de 72 anos de transmissão por rádio e televisão, foi visto por muitos como o fim de uma instituição (como disse um jornalista, é “como se a sua escola tivesse sido demolida”),⁴ e a morte de grandes celebridades durante o verão de 2009 (Michael Jackson, Farrah Fawcett, Ted Kennedy, Walter Cronkite, Patrick Swayze, Ed McMahon etc.) fizeram os *baby boomers* se voltarem para:

Os obituários primeiramente, para enfrentar não apenas sua própria mortalidade ou refletir sobre a própria herança, mas testemunhar o adeus de lendas que os definiram como uma tribo, legando, através da música, cultura, notícias e política, um tipo de símbolo geracional que começava se desgastar. (Kershaw, 2009)

Nos últimos 30 anos, os estudiosos sobre o assunto envolveram-se com uma grande variedade de *questões* relacionadas à trajetória de vida, mas raramente usaram as *teorias* sobre o tópico para ajudar a sustentar suas análises. A boa compreensão que já temos sobre as identidades, práticas e capacidades interpretativas dos fãs midiáticos pode ser aprofundada, segundo nossa visão, através de uma consideração mais explícita dos diversos mecanismos e processos sociais que moldam o desenvolvimento da trajetória de vida⁵. As falas dos fãs de *soap opera* citadas na abertura do artigo ecoam tão importantes quanto o conhecimento acadêmico, sugerindo mudanças fundamentais em sua experiência ao longo do tempo – nosso objetivo é explorar tais mudanças a partir de uma abordagem de trajetória de vida/longevidade.

4. A veteran TV soap opera executive on why 'Guiding Light' burned out after 72 years. *Wall Street Journal online*, 14 ago. 2008. Disponível em: <www.blogs.wsj.com>.

5. Embora ausente dos estudos sobre fãs, perspectivas apropriadas e de desenvolvimento têm sido utilizadas em outros tópicos dos estudos midiáticos. Por exemplo, veja a análise de Young (2000) sobre a importância dos filmes na vida cotidiana.

Estudos sobre fãs e teoria da trajetória de vida

Vamos começar esclarecendo o que *não* queremos discutir neste artigo. Primeiro, não estamos inferindo que estudiosos acadêmicos do assunto ignoraram totalmente questões de *idade* ou *envelhecimento* em trabalhos anteriores. A centralidade do fã nas abordagens (pré-) adolescentes de fantasia romântica/sexual e identidade de gênero tem sido bem documentada (por exemplo, Ehrenreich et al., 1992; Frith, 1990; Kuhn, 2002; Williams, 1980), porém, como observa Matt Hills, a equação cultural mais abrangente entre fã e adolescência permanece excessivamente rígida:

Essa noção do senso comum do fã como um indivíduo num estágio da vida de “consumo geral” – que mais tarde será abandonada, ou apenas nostalgicamente revisitada – encontra seus estereótipos nos fãs histéricos adolescentes, ou na casa dos vinte anos de um ator ou banda pop. (2005: 804)

Enquanto ainda persiste o interesse acadêmico pela questão dos fãs adolescentes – veja o estudo recente de Melanie Lowe (2004) sobre os fãs de Britney Spears, por exemplo –, há um crescente corpus na literatura que se concentra nos fãs adultos e mais velhos (Bennett, 2006; Stevenson, 2009; Vroomen, 2004) e no impacto do pertencimento geracional sobre a formação de comunidades interpretativas (por exemplo, Brooker, 2002). No contexto dos fãs de programas televisivos, Christine Scodari explora a política de idade e envelhecimento, através de estudos independentes que se concentram na dinâmica de poder na internet entre as fãs mais jovens e as mais velhas (1998), e gênero, idade e fantasia romântica a partir da análise de um romance amoroso apresentado entre maio e dezembro na extinta *soap opera Another World* nos EUA (CBS, 2004). Podemos citar outros estudiosos midiáticos – que examinam o envolvimento de fãs adultos mais velhos com a televisão em diferentes contextos (industrial, histórico e institucional) – de John Tulloch (1989), Elizabeth Riggs (1998) e C. Lee Harrington e Denise Brothers (no prelo).

Em segundo lugar, não é nossa intenção sugerir que, no passado, os acadêmicos ignoraram questões mais abrangentes do processo per se. Por exemplo, em nosso trabalho prévio (Harrington; Bielby, 1995) investigamos como as pessoas se tornam fãs de *soap operas* e constroem e mantêm identidades baseadas nesse aspecto. O trabalho de Melissa Scardaville (2005) analisa como os fãs tornam-se parte desse ativismo baseado na mídia e como a política dos fãs molda experiências ativistas subsequentes. Hills (2005) considera a natureza cíclica dos fãs, sendo que fãs-consumidores movem-se de um objeto de admiração para outro. Paul Booth (2008) analisou os perfis do MySpace que os fãs criaram para

personalidades da mídia, argumentando que a transformação midiática engendra mudanças fundamentais na formação da identidade e, portanto, exige mudança no estudo das audiências (veja também Grodin; Lindlof, 1996; Sandvoss, 2005a). Além disso, questões mais abrangentes do processo de se tornar um fã em si têm sido estudadas, incluindo a trajetória histórica de fãs de *soap operas* nos EUA desde o início dos anos 1900 (Ford, 2008), o surgimento e manutenção da comunidade de fãs pela internet (Baym, 2000), a explosão da *fan fiction* on-line (Hellekson; Busse, 2006), a integração dos fãs na grande mídia no fim do século XX e no século XXI (Gray et al., 2007).

Em terceiro lugar, não queremos dizer que os estudiosos ignoram questões relativas à *autobiografia* nos estudos sobre fãs, particularmente o papel crucial da memória em plasmar autonarrativas. Em seu estudo sobre as audiências que frequentavam as salas de cinema nos anos 1930, Annette Kuhn usou uma abordagem etno-histórica, fundamentada em teorias psicológicas da construção de narrativa e de memória para explorar como “memória pessoal e coletiva se relacionam com as histórias cinematográficas e a frequência às salas de cinema” (2002: 1). Por meio de entrevistas com pessoas da primeira “*movie-made generation*” na Grã-Bretanha, Kuhn explora como essa geração lidou com a transição entre infância e idade adulta através das idas ao cinema, e como as primeiras memórias ligadas aos filmes estão situadas nas autonarrativas e são sustentadas por relacionamentos atuais. Uma década mais tarde, Carol Williams (1980) explorou a memória e os frequentadores das salas de cinema nos EUA nos anos 1940, concentrando-se em suas próprias experiências de infância e adolescência com filmes como um agente de socialização na sexualidade, romance e paternidade, e como um elemento central na sua construção de identidade. Da mesma forma, Bailey investigou as narrativas autobiográficas dos fãs da banda Kiss que tratavam de seu envolvimento com a banda – as *Kisstories* – como “narrativas de construção de identidade” sustentadas pela “realidade presente de manter devoção à banda” (2005: 146). Num contexto mais amplo de identidade nacional, Cornel Sandvoss estudou o concurso de longa data *Eurovision Song Contest* [Festival Eurovisão da Canção] como um “objeto de consumo midiático de conservação da infância” (2008: 190), analisando como o concurso televisivo oferece aos telespectadores de longa data um espaço afetivo de pertencimento pessoal e coletivo.

Por fim, não acreditamos que os estudos sobre fãs não se dedicaram ao papel dos meios de comunicação na *construção de si/identidade e autotransformação* ao longo do tempo. Esse tem sido um tema central e notável nos estudos sobre fãs durante os últimos vinte anos, desde o trabalho de Daniel

Cavicchi (1998) – no qual tratou brilhantemente como a música de Bruce Springsteen transformou seus fãs – até a teorização de Hills (2005) sobre a identidade dos fãs moldada de diferentes formas pelo fato de se tornarem e deixarem de ser admiradores, e o estudo de Sandvoss (2005a) que conceitua a admiração de fãs como uma forma de autorreflexão narcisista. Também podemos citar o trabalho de Nick Stevenson (2009) sobre o impacto de David Bowie nos fãs em relação à construção e negociação da identidade masculina. Analítica e experimentalmente, essas questões são inseparáveis – envelhecimento, processo, memória, construção da identidade e formação e restauração das narrativas autobiográficas, todas elas têm implicações mútuas – e há diversos quadros teóricos convincentes através dos quais se podem explorar esses tópicos nos estudos sobre fãs, incluindo a teoria sobre narrativa e memória (Kuhn), Mead e a tradição neomeadiana (Bailey), psicanálise (Hills), psicologia social (Sandvoss), William James e a psicologia da religião (Cavicchi) e assim por diante.

Mas o que falta aos estudos contemporâneos sobre fãs, segundo nossa opinião, é a consideração *explícita* das perspectivas de trajetória de vida que podem ajudar a esclarecer e aprofundar nossa compreensão do envolvimento sustentado dos fãs com objetos midiáticos ao longo do tempo e as transformações pelas quais os fãs passam ao chegar a uma idade mais avançada. Para nossa surpresa, descobrimos pouco interesse por questões como envelhecimento e/ou teoria de trajetória de vida em estudos sobre fãs. Por exemplo, Cavicchi (1998) dedica vários parágrafos à teoria do desenvolvimento em seu estudo sobre os fãs de Springsteen, mas discute processos de trajetória de vida em termos muito gerais. Hills (2002, 2007) e Sandvoss (2005a, 2008) discutem sobre o significado de adultos manterem elos com objetos transitórios da infância, mas não levam em conta as teorias de desenvolvimento adulto no seu texto. Scodari (2004) descreve brevemente as abordagens de trajetórias de vida em *Serial Monogamy*, mas não as utiliza plenamente em sua análise. Will Brooker (2002) faz uma análise convincente do impacto da geração no consumo e interpretação do texto de *Star Wars*, mas não inclui nenhuma literatura acadêmica sobre a teoria geracional. Por fim, a investigação de Kuhn (2002) sobre como as memórias baseadas no cinema moldam autonarrativas ao longo do tempo inclui pouca discussão sobre o envelhecimento e a idade avançada em si. Num epílogo, que resume as principais contribuições de seu estudo, Kuhn inclui uma seção intitulada “Envelhecimento”, na qual se lê na íntegra: “O conteúdo e registros discursivos do cinema *memory-stories* da geração de 1930 lança luz sobre o aspecto cultural, bem como os processos psíquicos envolvidos no envelhecimento”

(2002: 237). Apesar de a fase da adolescência ter sido explorada teoricamente por acadêmicos interessados em fãs, o processo geral de envelhecimento tem sido ainda assim negligenciado.

Nossa intenção neste artigo não é criticar nossos colegas por seus quadros analíticos, mas enfatizar a perspectiva de trajetória de vida para esse tipo de estudo. Dada a mudança demográfica das audiências midiáticas e a subteorização dos idosos nos estudos sobre mídia/fãs, estamos particularmente interessados em explorar como a teoria de trajetória de vida pode expandir nossa compreensão do fã como adulto e idoso. Na próxima seção, demonstramos o valor dessa abordagem através de uma síntese que explicita questões relativas à trajetória de vida em outros artigos acadêmicos. Na conclusão, discutimos as implicações de uma perspectiva de trajetória de vida para futuros estudos sobre fãs.

QUESTÕES SOBRE OS FÃS E SUAS TRAJETÓRIAS DE VIDA

Nesta seção sugerimos que as identidades, práticas e capacidades interpretativas dos fãs têm estrutura mais relacionada à idade do que o que já foi anteriormente abordado no âmbito dos estudos sobre fãs. Discutimos quatro questões baseadas na idade que têm recebido atenção diversa de estudiosos – fãs e eventos marcantes na vida, mudanças dos fãs (individualidade) ao longo do tempo, padrões de idade e mudanças no objeto admirado ao longo do tempo – e ilustramos como uma perspectiva de trajetória de vida lança nova luz sobre essas questões e gera um novo conjunto de questões de pesquisa para estudos futuros sobre o assunto. No restante do ARTIGO, colocamos em primeiro plano o conhecimento sobre idade e envelhecimento para esclarecer novos modos de pensar sobre os fãs e seu papel ao longo do tempo. Devido a restrições de espaço, essa síntese não é tão aprofundada, mas aponta diversas maneiras pelas quais uma perspectiva de trajetória de vida explícita pode ser benéfica para os estudos sobre fãs.

Fãs e eventos marcantes em suas vidas

Os estudiosos de trajetória de vida avaliam como vidas se desenrolam, examinando os fatores que perturbam ou interrompem a estabilidade de suas jornadas – em outras palavras, os fatores responsáveis pela mudança de direção em nosso caminho. Muitos concordam que a estabilidade na trajetória de vida pode ser interrompida por *alterações fisiológicas* (por exemplo, na puberdade ou menopausa), *transições na vida* relacionadas a graduações

(por exemplo, formar-se no ensino médio) ou *pontos de virada* “nos quais uma pessoa sofreu uma grande transformação em relação ao eu, compromissos em relacionamentos importantes ou envolvimento em papéis significativos na vida” (Wetherington et al., 1997: 216). Em relação a mudanças fisiológicas, os acadêmicos têm se interessado principalmente pelo papel do fã na puberdade – menos em termos de alterações corporais associadas à puberdade (por exemplo, o desenvolvimento de características sexuais secundárias) do que pelo envolvimento dos adolescentes com objetos de admiração que os ajudam a dar significado a seus corpos em transformação, e que os ajudam a explorar o sentido emergente do eu e a independência geral:

Para a geração de 1930, o cinema propiciava um espaço seguro para desafiar as regras dos adultos [...] e para afirmar a independência em relação aos pais, professores e outras figuras de autoridade, [além da] exploração do amor, do romance e do sexo. (Kuhn, 2002: 62, 181)

Vi *Uma Nova Esperança* quando simplesmente chamava-se *Star Wars* em 1977 e fui fisgado. Acho que foi a cena com o Luke contemplando os sóis ao crepúsculo que me impressionou. Quando era adolescente, quando comecei a explorar os limites da minha vida e as possibilidades que tinha pela frente, sabia exatamente o que o jovem Luke estava sentindo e pensando [...] Tenho investido grande quantidade de energia emocional na saga [*Star Wars*] e confiei parte de minha “criança interior” a [ela]. (fala de uma fã do sexo feminino de 35 anos no estudo de Brooker, 2002: 85; supressões no original)

O foco analítico neste caso é primeiramente nas questões de identidade – as interseções entre identidade, identidade de gênero e identidade sexual (orientação) do fã – e, em segundo lugar, em como as práticas específicas do fã permitem a aquisição e/ou modificação da identidade. Outras mudanças fisiológicas que poderiam alterar a trajetória de vida – particularmente aquelas associadas ao envelhecimento e à idade avançada, como alterações na densidade óssea e no funcionamento cognitivo, a diminuição da excitação sexual e dos padrões de resposta, mudanças na aparência física (medida da cintura, elasticidade da pele, textura/quantidade/cor do cabelo) etc. – são relativamente inexploradas nos estudos de fã. Surgem evidências de que as práticas de um fã são alteradas ao longo do tempo devido a limitações corporais. Por exemplo, em seu estudo sobre os punks, Andy Bennett notou o alívio dos fãs mais velhos em “honradamente serem poupados dos excessos da área do *mosh*”

(2006: 228) por causa da idade e de seu status privilegiado na comunidade punk. Explica um fã:

Fica difícil agora ir aos shows e ficar na frente do palco e agitar o tempo todo [...] Não consigo mais fazer. Meu corpo reclama “é hora de desacelerar [...] você já se divertiu bastante”. (2006: 228)

Outros descrevem as alterações em sua expressão física ao longo do tempo, das “táticas de choque visual” (2006: 226) de sua aparência quando eram jovens punks (moicano cor-de-rosa, vários *piercings*) para uma estética punk mais sutil na idade mais avançada, o que pode significar a conquista mais fácil de um emprego e ajustes sociais mais formais. Em diversos estudos, os fãs de música dizem “ter vivido pra valer” na juventude e não se sentem mais tão ligados à estética, aos aspectos relacionados ao corpo e à *performance* de um fã como na juventude (Bennett, 2006; Cavicchi, 1998).

Se o impacto do envelhecimento do *corpo* nas identidades e práticas do fã é relativamente inexplorado nesse tipo de pesquisa, sabemos que o impacto do amadurecimento *mental* é ainda menos explorado. Brooker nos dá uma discussão fascinante sobre como a idade pode moldar a leitura textual dos fãs de *Star Wars* posicionando-os “em uma comunidade interpretativa específica e dando a eles uma perspectiva diferente da dos fãs de outra geração” (2002: 223). Enquanto os fãs mais velhos fazem uma distinção clara entre a trilogia original de *Star Wars* e seus prelúdios devido à lacuna de 16 anos entre a conclusão da trilogia e o lançamento dos prelúdios (o que também representava uma lacuna significativa em suas vidas), os fãs mais jovens veem a trilogia original e os prelúdios como parte da mesma história de seis episódios. Além disso, é mais provável que os fãs mais jovens tenham visto os seis filmes *na ordem* (começando com o primeiro prelúdio e terminando com o último da trilogia original), enquanto os fãs mais velhos viram a trilogia original primeiro, seguida pelos prelúdios. Os espectadores mais jovens assim viram/assistiram/consumiram um texto muito diferente de *Star Wars* do que o conhecido pelos fãs de longa data – sabendo muito antes, por exemplo, que Darth Vader é o pai de Luke Skywalker (um elemento central da narrativa de forma geral). As gerações subsequentes de fãs, portanto, podem experimentar o *mesmo* texto cultural de maneiras muito diferentes.

No entanto, a discussão de Brooker sobre o impacto da idade na associação de membros em comunidades interpretativas não captura bem o aspecto do amadurecimento mental que mais interessam aos pesquisadores das trajetórias de vida – mudanças na capacidade cognitiva. Pesquisas sobre o envol-

vimento midiático e o funcionamento cognitivo de idosos permanecem fora dos estudos de mídia/fãs, revelando uma suposição insistente de que o consumo midiático é uma experiência passiva. Por exemplo, Heather A. Lindstrom e seus colegas (2005)⁶ descobriram que o ato de assistir à televisão está associado a uma maior probabilidade de desenvolver Alzheimer. Usando uma abordagem de história de vida para perguntar a adultos (40-59 anos de idade) na meia-idade (2005) sobre uma variedade de atividades de lazer, os autores concluem que: “O tempo gasto para assistir à televisão pode refletir o desejo de evitar atividades mais estimulantes e pode ser indicativo de um estilo de vida mentalmente inativo” (2005: 163). Os autores dividiram as atividades em quatro categorias – assistir à televisão, atividades sociais, atividades intelectuais e atividades físicas –, portanto, aparentemente, eliminando a possibilidade de que assistir à TV pode ser algo intelectualmente estimulante ou social. Em uma abordagem mais específica de gênero, Joshua Fogel e Michelle Carlson⁷ concentram-se em *talk shows* e *soap operas* em suas pesquisas sobre adultos com idades entre 70 e 79 anos de idade, para chegar à conclusão de que ambos os gêneros “tinham pelo menos quatro vezes mais chances de manifestar alguma deficiência clínica [...] [e] várias consequências cognitivas” relacionadas com atenção e memória (2006: 229). Embora os autores observem que não está claro se assistir a esses gêneros “é um *fator de risco* ou um *marcador* de uma possível deficiência cognitiva” (2006: 231, grifo nosso), eles concluem com uma recomendação de política: os médicos deveriam perguntar sobre os programas de TV favoritos ao testarem o comprometimento cognitivo ou a demência em idosos e “para aqueles pacientes que respondem ‘*talk shows* e *soap operas*’, o médico deveria ficar mais atento aos testes cognitivos na entrevista e também durante as futuras entrevistas clínicas” (2006: 232). Em contraste, e com notícias mais encorajadoras a partir de uma perspectiva de estudos midiáticos, Paolo Ghisletta e seus colegas (Ghisletta et al., 2006)⁸ analisam 16 atividades em relação ao desempenho em duas habilidades cognitivas entre adultos com idade entre 80 e 85, concluindo que um maior envolvimento com os meios de comunicação e atividades de lazer tende a retardar o declínio cognitivo; na verdade, o envolvimento com essas atividades foi mais cognitivamente desafiador para idosos do que eram as atividades religiosas, sociais, manuais ou físicas⁹. Embora seja difícil avaliar a aplicabilidade das conclusões desses resultados específicos nos estudos sobre fãs, fica claro que mudanças relacionadas à idade no funcionamento cognitivo realmente ocorrem e podem alterar o envolvimento dos fãs com textos midiáticos e, portanto, eles podem transformar a admiração dos fãs ao longo do tempo. É desnecessário dizer que essa área de pesquisa pode ser muito usada pelos estudos sobre fãs.

6. Essa equipe de pesquisa situa-se nas áreas da neurologia, memória e envelhecimento, neurogeriatria, nutrição, epidemiologia e bioestatística.

7. Os autores pertencem às áreas de economia e saúde mental.

8. Os autores trabalham no campo da sociologia, psicologia, medicina social e da econometria.

9. No entanto, achamos interessante que a categoria social é abrangente e inclui cinema, teatro e música, o que implica que se trata fundamentalmente de diferentes tipos de atividade (ou seja, atividades não midiáticas) e que a televisão é, por definição, não social.

Além das alterações fisiológicas, os outros tipos de interrupção à estabilidade da trajetória de vida observados pelos pesquisadores do assunto (transições relacionadas a graduações e importantes pontos de virada na vida) têm impacto na admiração dos fãs também. Por exemplo, as transições relacionadas a graduações alteram significativamente práticas e identidades dos fãs – atingir a idade legal para dirigir abre novas possibilidades para se frequentar eventos formais de fãs; as transições de aluno para trabalhador e de solteiro para mãe/pai restringem o tempo que se tem para ser um fã (Vroomen, 2004) e, por sua vez, a aposentadoria do trabalho remunerado permite que se invista tempo em interesses pessoais (Riggs, 1998). Ademais, a cultura de fãs em si (ou seja, fazer parte ou *encontrar* um grupo de fãs) normalmente é experimentada como um importante ponto de virada que remodela profundamente a identidade, as atividades diárias e a trajetória de vida. De fato, as narrativas sobre tornar-se fã são centrais para os estudos da área – existem histórias de fãs de que o contato com textos midiáticos ecoaram neles de forma tão pessoal, que ocorreu uma transformação fundamental do eu: “tornar-se um fã é, para a maioria deles, um marco em suas vidas, o ponto em que ‘tudo mudou’; eles tendem a pensar em si mesmos como fã ou não” (Cavicchi, 1998: 153). Ser fã por muito tempo também estrutura narrativas de vida, já que os fãs empregam textos culturais específicos para segmentar ou dividir suas vidas em diferentes períodos:

Muitos fãs com quem conversei [...] foram capazes de passar por todos os álbuns do Springsteen e, como se estivessem folheando um álbum de fotografias, discutir onde estavam e o que estavam fazendo no momento que determinado álbum foi lançado. Outros elencam sem dificuldade todos os shows de Springsteen em que estiveram nos últimos anos e falam sobre as circunstâncias da vida relacionadas a cada um deles. (Cavicchi, 1998: 154, ênfase removida)

Portanto, tornar-se um fã redireciona o curso da vida, dá novo significado, estrutura e finalidade para fases específicas da vida e marca períodos de um passado pessoal – características marcantes de um importante ponto de virada, de acordo com os pesquisadores da área.

Já discutimos anteriormente como uma perspectiva de trajetória de vida para entender como a vida se desenvolve ao longo do tempo pode ajudar a esclarecer as conclusões de estudos prévios sobre fãs. A seguir exploramos como o status de fã pode ser formado ao longo do tempo por modificações no eu, e como os resultados das pesquisas nessa área de estudos também podem ser aprimorados considerando-se uma perspectiva de trajetória de vida. No-

vamente, colocamos no primeiro plano a discussão com o conhecimento da trajetória de vida.

O eu que envelhece

Os estudiosos de trajetórias de vida concordam que, embora existam continuidades no eu (coerência de personalidade) da infância até a idade adulta (Caspi, 2000), o eu se modifica de maneiras razoavelmente previsíveis por causa de interrupções na trajetória de vida e do desenvolvimento concomitante de desafios/oportunidades associados a cada fase da vida. Na formulação de Kay Deaux (1991), alterações em longo prazo da identidade podem vir à tona nas *características* associadas com uma identidade, uma mudança na *hierarquia de relevância* de uma identidade, ou a perda ou ganho definitivo de uma identidade. No contexto da situação de ser um fã, estudiosos relataram mudanças nas características associadas à identidade do fã ao longo do tempo – por exemplo, do impacto vergonhoso do estereótipo do perdedor/lunático, muito comum no século XX (Harrington; Bielby, 1995; Jenkins, 1992; Jensen, 1992) até a integração contemporânea dos grupos de fãs como uma atitude afetiva generalizada na vida moderna. Pode-se descrever isso como uma mudança geral – de algo tratado como uma característica ruim para algo considerado como uma característica boa (veja Gray et al., 2007). A identidade do fã também pode mudar de posição na hierarquia de relevância do indivíduo devido ao surgimento de identidades e prioridades concorrentes (como pai, avô, funcionário), mudando os padrões de interesse/falta de interesse no objeto de admiração (Cavicchi, 1998; Hills, 2005) e a influência relativa das normas etárias. Como mencionado anteriormente e conforme discutido na seção a seguir, a identidade do fã é sempre adquirida (não se nasce fã) e estudos sobre fãs estão repletos de narrativas de como alguém tornou-se um fã. Ao mesmo tempo, a identidade do fã é eletiva e, portanto, pode ser abandonada a qualquer momento – e, assim como certos objetos de admiração, é adquirida e então descartada, a natureza da identidade de um fã também muda (veja Hills, 2005, para uma discussão sobre o status cíclico do fã).

O eu também muda devido a processos gerais do desenvolvimento humano. Enquanto muitas teorias de desenvolvimento apenas referem-se à infância ou à adolescência, a idade adulta e vida de idoso também são pontos estratégicos para a autoanálise; o próprio processo envelhecer “apresenta desafios e talvez ameaças para o eu” (George, 1998: 139). Um dos modelos mais conhecidos de desenvolvimento psicossocial ao longo da vida é o proposto por Erik

10. A teoria do Erikson gera certa controvérsia, em parte porque ele pressupõe um modelo hierárquico sequencial da maturidade humana com uma negociação bem-sucedida de cada estágio recorrendo a competências adquiridas em fases anteriores.

Erikson na década de 1950 (Erikson, 1959)¹⁰. Erikson acreditava em oito fases da vida, começando no nascimento e terminando na morte, através das quais um ser humano saudável amadurece. Em cada fase as pessoas experimentam um conflito distinto ou um desafio que representa um ponto de virada para o desenvolvimento – uma oportunidade para o crescimento pessoal ou o fracasso. De particular interesse para nós aqui são as três fases da vida adulta – idade adulta jovem (aproximadamente entre 18 e 35 anos), idade adulta média (35 a 65) e idade adulta mais velha (a partir de 65) – e a relevância do papel de ser um fã com o desafio apresentado em cada fase. Erikson postulava que o desafio da idade adulta jovem é forjar laços íntimos ou correr o risco de isolamento (intimidade *versus* isolamento); o desafio da vida adulta média é contribuir para a melhoria do mundo através da transmissão de valores fundamentais ou cultura, ou correr o risco da estagnação (generatividade *versus* estagnação); e o desafio da vida na idade mais avançada é aceitar as realizações na vida e, assim, alcançar a sabedoria, ou morrer amargurado e arrependido (integridade *versus* desespero).

Embora tenhamos algumas ressalvas em aceitar um modelo sequencial, acreditamos que os desafios que Erikson identifica são potencialmente úteis para as pesquisas sobre fãs. O desafio intimidade *versus* isolamento do início da idade adulta está implícito em diversos estudos sobre fãs que analisam a autenticidade emocional e/ou as implicações sociais (*vida real*) dos vínculos dos fãs adultos aos objetos midiáticos. Veja a grande quantidade de estudos sobre parassocialidade na psicologia midiática, por exemplo, ou as primeiras análises históricas sobre fãs que consideravam que os vínculos de fãs simplesmente compensavam a solidão ou o isolamento social. Aqui, o fã adulto teria falhado no desafio do desenvolvimento porque a intimidade emocional com objetos culturais era percebida há muito percebida pelos estudiosos como falso. Em contraste, a evidência de uma negociação bem-sucedida com o desafio do desenvolvimento da idade adulta média (generatividade *versus* estagnação) é revelada nas várias práticas de “mestres” dos fãs mais velhos. Por exemplo, Brooker (2002) constatou que o aprendizado do fã adulto é fundamental para a introdução de pessoas mais jovens na saga *Star Wars*; Harrington e Bielby (1995) articularam o modelo tradicional da audiência de avós-para-pais-para-netos dos fãs de telenovelas; Bennett descreveu como fãs de punk rock mais velhos adotam o papel de “educadores instrutores” de fãs mais jovens, compartilhando sua história pessoal em relação aos shows de punk rock clássicos e colocando-se “num papel importante na preservação da estética punk e transmitindo isso para a próxima geração” (2006: 229). Por fim, a evidência do conflito do desenvolvimento associado à idade avançada (integridade *versus*

desespero) pode ser visto na dimensão contemplativa do posicionamento de adultos mais velhos como fãs na trajetória de vida:

[...] quando punks mais velhos discutiam seus vínculos e lealdade à cena, ficava claro que eles viam esses vínculos *através de uma lente especificamente modificada* que facilitava sua existência entre uma multidão de pessoas que tinham na maioria entre 15 e 20 anos (ou mais jovens) e eram seus discípulos. (Bennett, 2006: 228, ênfase adicionada)

Os fãs de Springsteen [usam] seus conhecimentos abstratos da evolução da música do artista ao longo do tempo e suas memórias concretas em relação à audição da música para *pensar e associar* quem eles eram e quem são hoje. (Cavicchi, 1998: 152, ênfase adicionada)

Eu tinha sete anos quando *Star Wars* estreou e cresci com a trilogia, e isso provavelmente salvou minha vida. Durante a adolescência, minha mãe morreu jovem de câncer, meu padrasto era abusivo e, sendo filho único, *Star Wars* foi minha distração, minha fuga, meu vício e meu sonho, tudo num só pacote. Já adulto, continuei a ser fã, e o filme ainda tem para mim o mesmo apelo de quando eu era jovem, e *um significado a mais por tudo que o filme representa para a vida da qual escapei* quando mergulhei naquele universo. (citado em Brooker, 2002: 11, ênfase adicionada)

Aqui a reflexão dos fãs sobre sua condição durante a vida – e seu próprio envelhecimento – resulta num gradual reposicionamento de seu lugar nas várias comunidades de fãs.

Na discussão anterior, adotamos uma perspectiva de trajetória de vida, considerando como as mudanças de longo prazo na identidade vêm à tona e como essas mudanças podem afetar a identidade do fã. A seguir, exploramos a conveniência da idade do fã com idade avançada e a moldagem do papel com base na idade dentro das comunidades de fãs, sugerindo modos pelos quais o conhecimento acadêmico de trajetória de vida e normas etárias pode enriquecer nossa compreensão da identidade e práticas dos fãs mais velhos.

Normas etárias em transformação

Como tem sido bem documentado pelos acadêmicos, as normas etárias – o valor de referência segundo o qual se avalia a si próprio, e é usado pelos outros para se estabelecer o que é ou não apropriado para a idade – muda ao

longo do tempo. As normas etárias mudam para nós como indivíduos (o que é apropriado para mim aos 15 anos de idade é diferente do que é para mim aos 45), e mudam historicamente (o que é considerado a idade apropriada para um indivíduo de 15 anos hoje é diferente do que era para um da mesma idade em 1920, 1950 ou 1990). Seu impacto geral muda ao longo do tempo (nossa adesão às normas etárias é mais forte em algumas fases da vida do que em outras). Dentro dos estudos sobre fãs, as normas etárias enfrentadas pelos indivíduos receberam a maior parte da atenção, sendo os fãs adultos de música pop os principais objetos de estudo entre acadêmicos e não acadêmicos. Até recentemente, os acadêmicos ridicularizavam os fãs mais velhos de música, considerando, na melhor das hipóteses, como algo inapropriado para a idade ou, no pior dos casos, “desenvolvimento comprometido” (Calcutt, 1998: 6). Como Laura Vroomen explica:

O envolvimento com cenas e subculturas musicais muitas vezes tem sido caracterizado como uma tentativa de atrasar as responsabilidades da vida adulta, como forma de resistir ao “envelhecimento social” [...] há um pressuposto [acadêmico] que um interesse intenso pela música pop não pode ser levado para a idade adulta. (2004: 243)

Esse discurso acadêmico “patológico” – para usar um termo de Bennett (2006) – ecoa nas experiências cotidianas dos fãs adultos de música que são julgados por seus gostos. Steve Bailey (2005) entrevistou os fãs da banda de rock Kiss, muitos dos quais se tornaram fãs bem jovens (entre 5 e 11 anos de idade) na década de 1970, e que descrevem a luta com sua identidade de fã adulto à luz de uma cultura musical que há muito tempo criticam a banda, bem como “uma cultura mais ampla que tende a desprezar a música que as crianças gostam” (2005: 109-110). Assim, “o mundo dos fãs do Kiss é marcado por um conjunto particularmente incisivo de discursos ‘autoestima’” (Bailey, 2005: 105). Da mesma forma, a maioria dos fãs mais velhos de Kate Bush hesita em expressar sua admiração em público devido a preocupações sobre as normas etárias: “muitos dos fãs que estavam na casa dos trinta e quarenta [...] sentiam certa ambivalência sobre seus interesses na música popular e questionavam o que era ‘certo e adequado’ para se ouvir em determinada idade” (Vroomen, 2004: 242). Um fã de 40 anos explica sua apreciação eclética por Kate Bush e pelas Spice Girls:

Muitas vezes discuto com as pessoas (só adultos) sobre o talento das Spice Girls e a conveniência de alguém da minha idade gostar delas. Eu os acuso de serem

chatos e estarem presos na mentalidade adulta, e permanecerem com aquilo que é garantido e conhecido por ser normal no círculo social. Acho que gostar das Spice Girls é provavelmente algo extremo em termos de diferença de idade. (citado em Vroomen, 2004: 242)

Nosso trabalho anterior sobre os fãs de *soap operas* (Harrington; Bielby, 1995) reflete esses resultados. Em nosso estudo, muitos espectadores adultos de telenovelas foram inflexíveis a respeito de manter seu papel de fãs em segredo dos colegas de trabalho, vizinhos e familiares, em virtude de considerações sobre idade (o que é aceitável para adultos) e o gênero em questão (o baixo valor social das *soap operas*). Assim, enquanto as duas últimas décadas testemunharam a integração geral dos fãs, como dito anteriormente, ainda existem disparidades em como fãs experimentam e expressam sua admiração em público – e essas disparidades são moldadas em parte por normas etárias.

Normas etárias também são relevantes para fãs adultos em termos de *moldagem de papéis* para a velhice e dadas pelo envelhecimento dos atores, cantores, músicos e personagens fictícios. Ao escrever sobre os fãs de longa data de David Bowie, Nick Stevenson explica que:

Bowie reuniu em si a possibilidade de se reinventar e lidar com a mudança ao longo de uma carreira. Para os fãs, Bowie representa a mudança e a passagem do tempo [...] Ele é valorizado, precisamente porque responde positivamente às mudanças, e tem feito isso de uma forma que é vista como “apropriada” para um homem da sua idade. Ele é um modelo de como envelhecer sem se desligar de novas ideias e influências [...] Bowie é valorizado como alguém que poderia ajudá-lo a enfrentar as mudanças na sua vida. (2009: 86)

Curiosamente, como os fãs de longa data lidam com o envelhecimento através do modelo dado por celebridades que também envelhecem, estas últimas devem lidar com seu próprio processo de envelhecimento acoplado à construção ou incorporação de um texto cultural a respeito do envelhecimento (Harrington; Brothers, 2010). Por exemplo, a atriz Kassie DePaiva afirma que seus anos atuando como Blair na telenovela norte-americana *One Life to Live* (ABC) acelerou seu próprio envelhecimento físico:

A Blair me cansa! Sem brincadeira... Dá pra imaginar de onde vieram essas rugas. Não é a minha vida. É como se colocar no lugar dela todos os dias porque ela está triste. Há algo estilhaçado dentro dela. (Sloane, 2007: 39)

Dessa forma, performances midiáticas poderiam fornecer um tipo de modelo de papéis baseado na idade para os fãs e fazê-los reagir aos artistas de diferentes formas, tanto positiva, quanto negativamente.

Na discussão anterior, usamos o conceito de trajetória de vida das normas etárias como uma forma de reunir diversas conclusões díspares de estudos prévios. Em particular, nossa discussão aponta a importância da atenção a mudanças nas normas etárias para compreender a adequação ou relevância do papel de fãs nos indivíduos. Embora as normas etárias operem claramente na admiração dos fãs, não fica tão explícito como oscilam com o tempo e no contexto cultural cambiante do fã de forma ampla e formal, assim como as mudanças radicais na estrutura da trajetória de vida (veja a conclusão). A seguir investigamos como uma abordagem de trajetória de vida pode lançar luz sobre o impacto de textos *cambiantes* sobre o papel dos fãs – assim como os fãs mudam com o tempo, da mesma forma mudam os textos culturais que os envolvem.

Objetos de admiração cambiantes

Neste artigo estamos interessados em saber como a trajetória de vida pode ajudar a entender como os próprios *objetos de admiração dos fãs* mudam com o tempo, muitos passando por “transformações profundas durante a vida” (Sandvoss, 2005a: 110). Do primeiro ao último livro da série *Harry Potter*, de um filme de James Bond até o próximo, das muitas encarnações de Batman e Super-Homen, e dos 72 anos da série norte-americana *Guiding Light*, os textos sobre fãs envelhecem da mesma forma que as pessoas – de maneira imprevisível. Nosso próprio fascínio por *soap operas* é baseado em parte na relação diacrônica entre suas narrativas e os espectadores, já que há uma longa tradição da narrativa telenovelistica intimamente entrelaçada com o fato de espectadores lerem esse tipo de narrativa: “As narrativas de TV são construídas em torno de personagens ‘históricos’, no sentido de que os próprios personagens têm histórias pessoais e memórias de um passado social – as quais são compartilhadas com espectadores que, por sua vez, confiam nelas” (Allen, 2004). De muitas maneiras, as experiências dos fãs de telenovela são comparáveis às dos fãs de música, fãs de franquias de filmes, fãs de romance em série, fãs de celebridades e outros indivíduos que são fiéis a um objeto singular num período de tempo. Eles podem ser diferentes; no entanto, a frequência da narrativa de TV nos Estados Unidos (cinco dias por semana, 52 semanas por ano, 130 a 260 horas de programação por ano, sem reprises e transmissão durante décadas) resulta em histórias e memórias de personagens

de *soap opera*, comunidades e espectadores se desenvolvendo num quadro temporal comparável (diário). Assim, os telespectadores podem estar ao final longínquo de um *continuum* em termos de complexidade de desenvolvimento adulto e admiração de longa data.

Entretanto, é tarefa complicada avaliar as interações entre o autodesdobramento com o tempo e o desdobramento fã-objeto ao longo do tempo. Enfatizamos que mesmo quando objetos de admiração não parecem se desenvolver com o tempo do modo como as novelas o fazem (tais como letras de canções, diálogos de filmes ou resultados de eventos esportivos), seu significado é sempre diferente porque o fã mudou. Williams (1980) e Kuhn (2002) analisaram as memórias dos fãs a respeito de seus filmes favoritos numa idade mais avançada e concluíram que a memória das cenas e personagens reflete quem eles eram bem mais jovens. Da mesma forma, uma fã de *General Hospital* citada na abertura deste artigo disse que, conforme ela mudava, seu entendimento sobre personagens específicos também se transformava. Cavicchi explica os significados cambiantes das canções de Springsteen de acordo com as de trajetórias de vida pessoais dos fãs:

Os fãs estão cientes como a música de Springsteen molda suas experiências e percepções [...] Estudos sobre os fãs da música de Springsteen e o modo como eles usam a música para dar significado ao mundo ao seu redor se encaixam e formam um complexo tipo de audição musical: ao mesmo tempo que os fãs interpretam a música de Springsteen em relação a suas experiências, a música influencia e molda estas últimas [...] Ouvir música envolve criar associações entre música e experiência; no caso dos fãs, os dois elementos tornam-se tão emaranhados que é difícil localizar o significado da música sem falar sobre a vida pessoal dos fãs. (1998: 109, 110, 134-135)

Sandvoss (2005a), baseando-se no trabalho de Cavicchi e outros estudiosos de fãs (incluindo o trabalho do próprio Sandvoss de 2003 sobre fãs de futebol), dá um argumento convincente para a base social e psicológica do status de fã, sugerindo que os objetos de admiração dos fãs acabam formando “parte do eu e, portanto, funcionam como sua extensão” (2005a: 100) em vez de ser mera posse. Relações narcisistas dos fãs com objetos culturais, nas quais fãs “sobrepõem atributos do seu eu, de suas crenças e sistemas de valor e, em última análise, sua identidade no objeto de admiração” (2005a: 104), tornam-se gradualmente mais complicadas conforme a relação entre o eu e texto do fã se desenvolve. Com o tempo, então, “o objeto de admiração [...] torna-se um ponto de foco narrativo na construção de identidades e narrativas de vida”

(2005a: 111). Para fazer uma análise comparável à de Harrington e Brothers (2010) – em seu estudo sobre atores de telenovelas de longa data e o processo de envelhecimento –, poderíamos dizer que a *existência* dos fãs de longa data é gradualmente transformado em *texistence*¹¹ – o eu se desdobra com tempo em diálogo contínuo com o objeto de mídia que ajuda a defini-lo e sustentá-lo. Como um fã de música de longa data coloca a questão de forma sucinta: “[Hoje] penso a partir da linguagem de Springsteen” (Cavicchi, 1998: 109). Nossas observações aqui apontam para uma potencial pesquisa acadêmica sobre fãs. Por exemplo, como os textos envelhecem a partir de uma perspectiva de trajetória de vida (análise de trajetória de vida de um texto midiático) e como as abordagens baseadas na trajetória de vida poderiam esclarecer a dualidade do envelhecimento do eu e do texto.

Nesta seção do artigo, nós sintetizamos uma variedade de questões relacionadas à idade discutida em estudos prévios sobre fãs – status de ser um fã e eventos marcantes na vida, normas etárias, mudanças na individualidade com o tempo e as mudanças do objeto de admiração de acordo com o tempo – e sugerimos que uma abordagem de trajetória de vida pode aprofundar nossa compreensão do impacto do envelhecimento sobre o status de fã, ao oferecer uma visão mais sistemática dos diferentes achados na continuidade e mudanças dos fãs, em textos e na interseção dos dois. Ressaltamos que cada uma dessas questões garante uma pesquisa mais aprofundada dos estudiosos sobre fãs, que se comprometem explicitamente com a teoria de trajetória de vida.

CONCLUSÃO

Nosso objetivo neste artigo foi explicar o valor de uma perspectiva de trajetória de vida para os estudos sobre fãs. Por meio de uma síntese das questões de trajetória de vida em estudos prévios sobre o assunto, com particular ênfase na estrutura implícita nas identidades, práticas e capacidades interpretativas dos fãs, visamos explicitar importantes questões de desenvolvimento suscitadas por um fã de longa data. Nosso foco tem sido o fã adulto e de idade mais avançada, já que essas pessoas são negligenciadas por teorias e pesquisas dos estudiosos de mídia. Como sugerimos em nossa análise, um elemento-chave ao se levar em consideração a vida de fãs midiáticos é a integração e reexame/revisão de textos midiáticos com nossas próprias autoconstruções com o tempo (Sandvoss, 2005b), já que esses textos revelam nosso processo de envelhecimento – *quem* nos tornamos ao ficar mais velhos e, de fato, *como* envelhecemos. Narrativas da vida dos fãs midiáticos, portanto, poderiam abranger interações complexas entre nossa vida *real*

11. O termo *texistence* foi emprestado de Randall e McKim (2004), e teve o significado levemente alterado (Harrington; Brothers, 2010).

(nossa biografia), nossa autobiografia (a história de nossa vida) e os textos midiáticos que ajudam a construir, dar sentido e orientar a relação entre os dois – incluindo a idade em relação a nós.

A interação entre esses elementos pode ser vivida de forma diferente por fãs de longa data de um objeto singular de admiração do que por fãs cíclicos (Hills, 2005), e de forma diferente tendo em conta o gênero do objeto de admiração. Kuhn (2002) surpreendeu-se em suas entrevistas com os idosos frequentadores de salas de cinema. Eles não eram capazes de recordar informações básicas sobre personagens e enredos de filmes muito queridos, mas se lembravam vividamente de certos aspectos do local: onde se situava o cinema, se havia poucas ou muitas pessoas, quanto custava o ingresso, de quais assentos gostavam mais etc. Por outro lado, alguns fãs de música relatam uma relação profunda com letras de canções que orientam suas próprias abordagens de vida: “os fãs diziam usar as canções de Springsteen para chegar a conclusões sobre as circunstâncias potenciais de sua vida, para mapear aonde a atual trajetória de vida poderia levá-los e se eles queriam chegar àquele ponto” (Cavicchi, 1998: 129). Um dos temas mais atraentes que perpassam a pesquisa de fãs de longa data é a extensão que podem tomar os objetos de admiração, como eventos marcantes e inspiração de vida. Lembremos da citação no início deste artigo do fã de telenovelas que disse considerar o cenário fictício da *Young and the Restless* (CBS) como o “lar mais estável” de sua vida adulta (veja também Sandvoss, 2008; Schimmel et al., 2007). Ou a fã que disse que sua canção favorita de Springsteen “dá sentido à minha vida... Me dá esperança quando perco todas as esperanças” (Cavicchi, 1998: 128). Ou o fã do *Eurovision Song Contest* que assiste ao programa “desde sempre” e não imagina “a vida sem ele!” (Sandvoss, 2008: 192). Ou os fãs de Bowie, cuja conexão com o cantor “agiu como uma âncora relativamente permanente” através de sua jornada de vida (Stevenson, 2009: 85). A partir de uma perspectiva de trajetória de vida, essa ancoragem emocional é crucial numa época caracterizada pelo rápido desmantelamento da vida adulta normativa, como tem sido observado por estudiosos do desenvolvimento humano. Rick Settersten (2007), por exemplo, evidencia particularmente a dissolução dos momentos tradicionais para transições na vida, a crescente falta de sincronia entre papéis relacionados à idade e a crescente ausência de roteiros claros de vida:

Em apenas algumas décadas [...] a estrada reta e estreita para a vida adulta desapareceu. Papéis, responsabilidades e expectativas foram abalados, deixando um novo mundo a ser explorado [...] Os roteiros sociais que antes sinalizavam um único

momento certo e ordenavam as transições de vida se dissiparam [...] A trajetória de vida como um todo passou por algumas mudanças dramáticas. (2007: 250)

Sugerimos que, conforme a vida adulta se desestabiliza, objetos culturais cada vez mais oferecem um ponto de referência para se guiar na idade adulta e velhice. Portanto, os pesquisadores sobre o assunto devem estar mais sintonizados com a interseção entre os dois. A aceitação dos fãs na grande mídia no final do século XX e começo do século XXI, como articulado por Gray et al. (2007), é portanto, em parte, *resultado* dessa reestruturação radical da vida adulta normativa. Assim como a “ambiguidade da vida adulta hoje traz nova liberdade e flexibilidade para viver a vida em maior conformidade com os interesses e desejos do que no passado” (Settersten, 2007: 244), da mesma forma “os padrões de consumo particulares e conspícuos dos fãs e as formas específicas de interação social que ocorrem entre fãs [...] tornam-se cada vez mais parte da vida cotidiana nas sociedades modernas” (Gray et al., 2007: 9). Concordamos com Gray e seus colegas quando dizem que os desafios da vida no século XXI cada vez mais são mediados por relações de fãs e sugerem que o rápido envelhecimento global parcialmente *esclarece e contribui* para essa transformação.

Uma série de perguntas intrigantes para novas pesquisas surge quando usamos uma perspectiva de trajetória de vida para tratar do assunto. Os pesquisadores poderiam estudar o impacto das mudanças nas capacidades cognitivas dos fãs ao longo do tempo, fazer um estudo comparativo das normas éticas em diversas comunidades de fãs, um estudo longitudinal sobre o impacto das transições relacionadas a graduações na identidade e práticas do fã, uma análise de trajetória de vida de um texto cultural específico, ou as maneiras pelas quais diferentes formas culturais moldam o tipo de interação a longo prazo entre fãs e objetos culturais. Nossa análise também pode ser útil para os estudiosos do desenvolvimento humano, que só recentemente começaram a explorar o impacto das narrativas *ficcionais* nas redes de relacionamento ao longo do tempo (Harrington; Brothers, 2010). Defendemos em outros trabalhos (Schimmel et al., 2007) que os estudos sobre fãs se beneficiariam com um maior envolvimento de pesquisas de outras áreas acadêmicas, e certamente a atual literatura da gerontologia, desenvolvimento humano, sociologia e psicologia do envelhecimento é crucial para o entendimento completo do fã na vida adulta e na velhice. O desdobramento de tendências sociais dramáticas – o envelhecimento da população mundial e das audiências midiáticas globais, a dissolução da idade adulta normativa e as profundas mudanças no reconhecimento público e a avaliação do status de fã nos últimos 20 anos – torna uma perspectiva de trajetória de vida dos fãs oportuna e importante. ■

REFERÊNCIAS

- ALLEN, R. C. Conversations with Scholars of American Popular Culture. *Americana: The Journal of American Popular Culture (1900–Present)*, v. 3, n. 1, 2004. Disponível em: <http://www.americanpopularculture.com/journal/articles/spring_2004/allen.htm>. Acesso em: maio 2008.
- BAILEY, S. *Media Audiences and Identity: self-construction in the fan experience*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- BAYM, N. *Tune In, Log On: soaps, fandom, and online community*. Thousand Oaks, CA: Sage, 2000.
- BENNETT, A. Punk's not dead: the continuing significance of punk rock for an older generation of fans. *Sociology*, v. 40, n. 2, p. 219-235, 2006. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/0038038506062030>
- BOOTH, P. Rereading fandom: MySpace character personas and narrative identification. *Critical Studies in Media Communication*, v. 25, n. 5, p. 514-536, 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/15295030802468073>
- BROOKER, W. *Using the Force: creativity, community and Star Wars fans*. New York and London: Continuum, 2002.
- CALCUTT, A. *Arrested Development: pop culture and the erosion of adulthood*. Washington, DC: Cassell, 1998.
- CASPI, A. The Child is the Father of the Man: personality continuities from childhood to adulthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 78, n. 1, p. 158-172, 2000. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.78.1.158>
- CAVICCHI, D. *Tramps Like Us: music and meaning among springsteen fans*. New York e Oxford: Oxford University Press, 1998.
- COHLER, B. J.; HOSTETLER, A. Linking life course and life story: social change and the narrative study of lives over time. In: MORTIMER, J. T.; SHANAHAN, M. J. (Eds.). *Handbook of the life course*. Nova York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 2003. p. 555-576.
- DEAUX, K. Social identities: thoughts on structure and change. In: CURTIS, R. C. (Ed.). *The relational self: theoretical convergences in psychoanalysis and social psychology*, New York: Guilford Press, 1991. p. 77-93.
- EHRENREICH, B., HESS, E.; JACOBS G. Beatlemania: girls just want to have fun. In: LEWIS, L. A. (Ed.) *The adoring audience: fan culture and popular media*, New York: Routledge, 1992. p. 84-106.
- ERIKSON, E. H. *Identity and the Life Cycle: Selected Papers*. New York: International Universities Press, 1959.
- FOGEL, J.; CARLSON, M. C. Soap operas and talk shows on television are associated with poorer cognition in older women. *Southern Medical*

- Journal*, v. 99, n. 3, p. 226-233, 2006. DOI: <http://dx.doi.org/10.1097/01.smj.0000198270.52240.93>
- FORD, S. Soap operas and the history of fan discussion. *Transformative Works and Cultures*, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://journal.transformativeworks.org/index.php/twc/article/view/42>>. Acesso em: maio 2010.
- FRITH, S. Music and identity. In: HALL, S.; GAY, P. (Eds.) *Questions of cultural identity*, London: Sage, 1990. p. 108-127.
- FRY, C. L. The Life Course as a Cultural Construct. In: SETTERSTEN JR., R. A. (Ed.). *Invitation to the life course: toward new understandings of later life*. Amityville, NY: Baywood, 2003. p. 269-294.
- GEORGE, L. Self and identity in later life: protecting and enhancing the self. *Journal of Aging and Identity*, v. 3, n. 3, p. 133-152, 1998. DOI: <http://dx.doi.org/10.1023/A:1022863632210>
- GEORGE, L. Life course research: achievements and potential. In: MORTIMER, J. T.; SHANAHAN, M. J. (Eds.). *Handbook of the life course*. Nova York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 2003. p. 671-680.
- GHISLETTA, P., BICKEL, J. F.; LOVDEN, M. Does activity engagement protect against cognitive decline in old age? Methodological and analytical considerations. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, v. 61B, n. 5, p. 253-261, 2006.
- GRAY, J., SANDVOSS, C.; HARRINGTON, C. L. Introduction: why study fans? In: GRAY, J.; Sandvoss, C.; HARRINGTON, C. L. (Eds.). *Fandom: identities and communities in a mediated world*. New York: New York University Press, 2007. p. 1-16.
- GRODIN, D.; LINDLOF, T. R. (Eds.). *Constructing the self in a mediated world*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1996.
- HARRINGTON, C. L.; BIELBY, D. D. *Soap fans: exploring pleasure and making meaning in everyday life*. Philadelphia, PA: Temple University Press, 1995.
- HARRINGTON, C. L.; BROTHERS, D. A life course built for two: acting, aging and soap operas. *Journal of Aging Studies*, v. 24, n. 1, p. 20-29, 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jaging.2008.10.001>
- HARRINGTON, C. L.; BROTHERS, D. Constructing the Older Audience: Age and Aging on Soaps. In: FORD, S.; DEKOSNIK, A.; HARRINGTON, C. L. (Eds.). *The Survival of Soap Opera: strategies for a new media era*. Jackson, MS: University Press of Mississippi, no prelo.
- HELLEKSON, K.; BUSSE, K. (2006). Introduction. In: HELLEKSON, K.; BUSSE, K. (Eds.). *Fan fiction and fan communities in the age of the internet*. Jefferson, NC: McFarland, 2006. p. 5-40.

- HILLS, M. *Fan cultures*. London: Routledge, 2002.
- HILLS, M. Patterns of surprise: the “aleatory object” in psychoanalytic ethnography and cyclical fandom. *American Behavior Scientist*, v. 48, n. 7, p. 801-821, 2005. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/0002764204273169>
- HILLS, M. Essential tensions: winnicottian object-relations in the media sociology of roger silverstone. *International Journal of Communication*, v. 1, n.1, p. 37-48, 2007.
- JENKINS, H. *Textual Poachers: Television Fans and Participatory Culture*. New York: Routledge, 1992.
- JENSEN, J. Fandom as Pathology: The consequences of characterization. In: LEWIS, L. A. (Ed.). *The Adoring Audience: fan culture and popular music*. New York: Unwin Hyman, 1992. p. 9-26.
- JONES, M. Harry Potter: the end is here; darker, deeper and defying expectation, “The Deathly Hallows” is indeed magic. *Newsweek*, Nova York, 30 jul. 2007.
- KERSHAW, S. Notable deaths trouble self-reflective baby boomers. *New York Times*, 16 sep. 2009. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2009/09/17/fashion/17obits.html>>. Acesso em: maio 2010.
- KUHN, A. *An everyday magic: cinema and cultural memory*. London: I.B. Tauris, 2002.
- LINDSTROM, H. A., FRITSCH, T.; PETOT, G. SYTH, K. A.; CHEN, C. H.; DEBANNE, S. M. et al. The relations between television viewing in mid-life and the development of alzheimer’s disease in a casecontrol study. *Brain and Cognition*, v. 58, n. 2, p. 157-165, 2005. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.bandc.2004.09.020>
- LOWE, M. “Tween” scene: resistance within the mainstream. In: BENNETT, A.; PETERSON, R. A. (Eds.). *Music scenes: local, translocal, and virtual*. Nashville, TN: Vanderbilt University Press, 2004. p. 80-95.
- RANDALL, W. L.; MCKIM, A. E. Toward a poetics of aging: the links between literature and life. *Narrative Inquiry*, v. 14, n. 2, p. 235-260, 2004. DOI: <http://dx.doi.org/10.1075/ni.14.2.02ran>
- RIGGS, K. E. *Mature audiences: television in the life of elders*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1998.
- SANDVOSS, C. *A Game of Two Halves: Football, Television, and Globalisation*. London and NY: Routledge, 2003.
- SANDVOSS, C. *Fans: The Mirror of Consumption*. Cambridge: Polity Press, 2005a.

- SANDVOSS, C. One-dimensional Fan: Toward an Aesthetic of Fan Texts. *American Behavioral Scientist*, v. 49, n. 3, p. 822-839, 2005b. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/0002764204273170>
- SANDVOSS, C. On the couch with europe: the eurovision song contest, the european broadcast union, and belonging on the old continent. *Popular Communication*, v. 6, n. 3, p. 190-207, 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/15405700802198238>
- SCARDAVILLE, M. Accidental activists: fan activism in the soap opera community. *American Behavioral Scientist*, v. 48, n. 7, p. 881-901, 2005. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/0002764204273174>
- SCHIMMEL, K. S., HARRINGTON, C. L.; BIELBY, D. D. Keep your fans to yourself: the disjuncture between sport studies and pop culture studies' perspectives on fandom. *Sport in Society*, v. 10, n. 4, p. 580-600, 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/17430430701388764>
- SCODARI, C. "No politics here": age and gender in soap opera "cyberfandom". *Women's Studies in Communication*, v. 21, n. 2, p. 168-187, 1998. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/07491409.1998.10162555>
- SCODARI, C. *Serial monogamy: soap opera, lifespan, and the gendered politics of fantasy*. Cresskill, NJ: Hampton Press, 2004.
- SETTERSTEN, R. A. The new landscape of adult life: road maps, signposts, and speed lines. *Research in Human Development*, v. 4, n. 3-4, p. 239-252, 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/15427600701663098>
- SLOANE, S. Mama Kass. *Soap Opera Digest*, v. 32, n. 20, p. 39-41, 2007.
- STEVENSON, N. Talking to Bowie fans: masculinity, ambivalence and cultural citizenship. *European Journal of Cultural Studies*, v. 12, n. 1, p. 79-98, 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/1367549408098706>
- TULLOCH, J. Approaching the audience: the elderly. In: SEITER, E.; BORCHERS, H.; KREUTZNER, G.; WARTH, E. M. (Eds.). *Remote Control: Television, Audiences and Cultural Power*, London and New York: Routledge, 1989. p. 180-202.
- VROOMEN, L. Kate Bush: teen pop and older female fans. In: BENNETT, A.; PETERSON, R. A. (Eds.). *Music scenes: local, translocal, and virtual*. Nashville, TN: Vanderbilt University Press, 2004. p. 238-253.
- WETHERINGTON, E., COOPER, H.; HOLMES, C. S. Turning points in midlife. In: GOTLIB, I. H.; WHEATON, B. (Eds.). *Stress and adversity over the life course: trajectories and turning points*. New York: Cambridge University, 1997. p. 215-31.
- WILLIAMS, C. T. *The dream beside me: the movies and the children of the forties*. Rutherford, NJ: Fairleigh Dickinson University Press, 1980.

YOUNG, S. D. Movies as equipment for living: a developmental analysis of the importance of film in everyday life. *Critical Studies in Media Communication*, v. 17, n. 4, p. 447-468, 2000. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/15295030009388413>

Artigo recebido em 25 de janeiro de 2016 e aceito em 5 de abril do mesmo ano.